



Imagens de Deus na *Evangelium Vitae*: o diálogo inter-religioso a favor da vida

Images of God in Evangelium Vitae: interreligious dialogue for life

Roberlei Panasiewicz*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Resumo

Variadas são as imagens de Deus que perpassam as narrativas sagradas, o simbolismo cultural e, especificamente, o imaginário religioso das pessoas. Carregam consigo dimensões positivas e negativas, que aprisionam e que libertam. A encíclica *Evangelium Vitae*, ao discutir o valor e a inviolabilidade da vida humana, também lida com estas imagens. Critica a 'cultura da morte' e estimula a 'cultura da vida' propondo a promoção desta como condição para construção da paz. Utilizando a pesquisa teórica, este artigo tem por objetivo compreender as imagens de Deus que a encíclica enfatiza e verificar se elas favorecem o diálogo inter-religioso em prol do cuidado com a vida humana. Diálogo este percebido como possibilidade de aprofundamento e de

* R. P.: Doutor em Ciências da Religião, e-mail: roberlei@pucminas.br

fortalecimento da própria identidade que, na abertura e na alteridade, favorece e estimula transformações coletivas.

Palavras-chave: Imagens de Deus. *Evangelium Vitae*. Diálogo inter-religioso.

Abstract

The images of God that permeate the sacred narratives, the cultural symbolism and specifically the religious imagination of the people are broad. They carry positive and negative dimensions, which can trap and also release. The Encyclical Evangelium Vitae, while discussing the value and inviolability of human life also deals with these images. It criticizes the 'culture of death' and encourages the 'culture of life' proposing its promotion as a condition for peace building. By using the theoretical research, this article aims to understand the images of God that this encyclical emphasizes and also check if they enable inter-religious dialogue in favor of taking care of human life. Such dialogue is seen as a possibility to deepen and strengthen the identity, which, in openness to otherness, favors and encourages collective change.

Keywords: Images of God. *Evangelium Vitae*. Interreligious dialogue.

Introdução

Na história das religiões, várias são as imagens de Deus que passam o imaginário religioso. Isso se reflete nos escritos das narrativas sagradas, dos líderes e dos teólogos e na mente dos fiéis das diferentes tradições religiosas. Deus é percebido de forma diversificada devido à diferença religiosa e cultural. Isso explicita a riqueza do Sagrado ou do Mistério Transcendente que atravessa e está para além de toda experiência religiosa e de Deus¹. A fragmentação da sociedade atual não somente evidencia esta

¹ Sobre a distinção entre experiência religiosa e experiência de Deus, ver: PANASIEWICZ, 2013, p.587-611.

realidade, mas explicita sua particularidade. As concepções de Deus no coletivo são internalizadas individualmente e, num segundo momento, transmitidas de um para outro. É o que Peter Berger denomina de “construção da realidade social”². Assim, as religiões e as sociedades sedimentam imagens de Deus e as repassam. Podem ser imagens positivas ou negativas, que propiciam vida pessoal e coletiva ou as anulam.

Pensar nas imagens de Deus que perpassam a encíclica *Evangelium Vitae* é o que propomos neste artigo. Encíclica significa “carta circular”, ou seja, é um documento com ensinamento específico que o papa, enquanto primaz da igreja católica, emite para toda a igreja, porém, aberta a toda a sociedade. Essas cartas exploram temáticas específicas devido a algum momento ou situação histórica determinada. A encíclica *Evangelium Vitae* põe em questão “o valor e a inviolabilidade da vida humana”, tendo sido assinada pelo papa João Paulo II em 25 de março de 1995. Não faremos discussão da encíclica propriamente dita, haja vista que já se encontram várias disponíveis³. Buscaremos no documento brechas que facilitem a demarcação da identidade cristã em abertura para o diálogo com as tradições religiosas e espirituais. Daí emerge o objetivo desta reflexão, que é compreender as imagens de Deus a que a encíclica dá ênfase e se elas favorecem o diálogo inter-religioso em prol do cuidado com a vida humana. A metodologia utilizada foi a análise teórica, especificamente a revisão bibliográfica.

Há algumas perguntas que estimularam a retomada e a reflexão da encíclica *Evangelium Vitae*. São elas: quais imagens de Deus perpassam as suas páginas? Elas favorecem o diálogo inter-religioso? Como as religiões podem cuidar da vida humana? Estas perguntas propiciaram a divisão do artigo que ora segue. Primeiramente faremos breve retomada de imagens de Deus que perpassam o texto bíblico e estão presentes na tradição cristã e, de certa forma, no mundo ocidental. Depois buscaremos compreender

² Para Berger, a realidade social é compreendida através de um tríplice movimento: exteriorização, objetivação e internalização. O ser humano sai de si e cria, absorve o que criou e, depois, repassa. Cria também as instituições que se responsabilizam por cuidar desse processo. Ver: BERGER, 1985, p.15-41.

³ Há várias discussões sobre a encíclica *Evangelium Vitae* disponíveis. Faço referência à revista *Magis* publicada no ano seguinte à divulgação da encíclica (MAGIS, 1996) e ao Caderno *Humanitas* comemorando os 15 anos da encíclica (HUMANITAS, 2011).

quais estão presentes na encíclica *Evangelium Vitae*. Por fim, numa perspectiva dialógica, apresentaremos quais dessas imagens facilitam o diálogo inter-religioso e como as religiões podem trabalhar no cuidado com a vida humana.

Imagens de Deus

Há riquezas e variedades de imagens de Deus que perpassam o texto bíblico. Konings (2001) mostra que estas imagens expressam a experiência de Deus nas tradições bíblicas e apresenta suas particularidades nas narrativas dos dois Testamentos. No Primeiro Testamento, a experiência de nomear Deus (Ex 15), de chamá-lo de Senhor, de pastor, de rei, de pai, aquele que é rico em misericórdia, em santidade e em sabedoria, que acompanha o povo e é justo, atravessam as histórias. A compreensão do Deus da Aliança e libertador o caracteriza em grande parte das narrativas. Por outro lado, há amplo imaginário favorável ao temor, à violência e à morte expresso em traços cruéis de um Deus terrível (Dt 7, 21). “A ambiguidade da divindade se expressa particularmente na indistinção entre o demoníaco e o divino, que acarreta a tragédia do homem. Há uma força maligna do divino que se expressa nos mitos do Oriente Próximo e se reflete também em Israel.” (ESTRADA, 2007, p. 50). A ambiguidade humana é refletida na imagem que ele mesmo forma de Deus. Entretanto, apesar de ser forte, marcante e provocar indignação, não é a experiência negativa que permanece e que deve ser salientada na história do povo hebreu.

A ‘intenção’ de Deus é sempre chegar ao amor e ao perdão sem medidas. Tudo isso que afirmamos acima, nos leva a concluir que, mesmo ‘passando’ pela violência, o Deus da Bíblia na verdade quer chegar ao amor e à não-violência. Essa é sua intenção última e definitiva, e a partir disto vai ‘desconcertando’ e ‘desconstruindo’ os conceitos e imagens que Israel tem a seu respeito. E isso a fim de que o mesmo Israel possa chegar a Ele, que é a única fonte de bênção e da vida em plenitude (BINGEMER, 2001, p. 22).

Imagens que refletem a histórica dinâmica de vida de um povo. “Mas é sempre o Deus do povo; e, depois de longa experiência, o nome preferido será Pai.” (KONINGS, 2001, p.47). Essa imagem de paternidade perpassa a oração dos judeus, pois há convicção de que Ele cuidará da vida do povo. Recitam na oração *Avinu Malkênu* (hebraico), que significa: Nosso Pai, Nosso Rei. Essa imagem será recuperada no Segundo Testamento, a partir da experiência de Jesus Cristo.

O Segundo Testamento também está repleto de imagens de Deus. As narrativas sagradas atestam que Jesus Cristo herda toda a riqueza da tradição judaica. Aponta para uma relação de paternidade íntima com Deus, livre das amarras das normas e dos rituais (Mt 12,1-8; 15,1-10; Lc 6,1-10). Essa experiência particular com Deus possibilita que o denomine como *Abbá*, que em aramaico significa Pai e expressa relação de profunda confiança. E ensina seus discípulos a orarem a Ele (Mt 6,9-15; Lc 11,1-4). A oração reflete um Deus bondoso, amoroso, misericordioso, justo e próximo, tal como Jesus Cristo o compreendia. Atesta também a profunda relação entre paternidade e razão de ser do Reino. “A experiência da união Abba-Reino constitui toda a chave da vida pessoal de Jesus, todo o horizonte de sua pregação e todo o sentido do seguimento que, para Jesus, parece não ser mais que uma introdução a esta experiência.” (CARAVIAS, 1987, p.86). Esta paternidade parece expressar a comunicação de um grande projeto⁴.

A experiência de Deus que o Segundo Testamento narra a partir da interpretação de Jesus de Nazaré testemunha a abertura salvífica e universal deste Deus. O cristianismo, enquanto religião da encarnação, articula universal e particular indicando o rosto amoroso de Deus. Os milagres narrados apontam para o cuidado com a vida que emerge naquela experiência de Deus e pedem continuidade. É um convite a todo ser humano exercer o papel de cocriador, de estar junto com Deus no cuidado e na defesa da vida, em todo nível que se encontre ameaçada, seja animal, humana ou cósmica. A imagem de Deus é de acolhida.

⁴ Jon Sobrino afirma que Jesus Cristo luta contra imagens divinas da morte o mostra que “o plano original de Deus é que os homens tenham vida [...] O horizonte escatológico da missão de Jesus é o Reino de Deus, um reino de vida para todos.” (SOBRINO, 1985, p.100-106).

“Por tal proceder [Jesus Cristo] quis revelar o coração de Deus, Iahweh, como Pai que acolhe a todos indiscriminadamente.” (LIBANIO, 2013, p.65)⁵. A proximidade de Jesus Cristo com Deus é compartilhada no ensinamento da oração do Pai Nosso, que articula causa divina e causa humana. Na primeira parte: Nome, Reino, Vontade divina. Na segunda parte: Pão, Perdão, Tentação, Mal (Mt 6,9-13). A oração toca questões existenciais e sociais e estimula interioridade e ação⁶. “A paternidade de Deus em relação a Jesus condensa em si a imagem de Deus Pai do povo, do rei messiânico e do justo.” (KONINGS, 2001, p. 41).

A experiência de Deus “como puro amor sempre em ato” (QUEIRUGA, 2010, p. 445) é revelada. O desafio que emerge para os cristãos a partir dessas narrativas é grande. Mais que defender a vida, o fundamental é propiciar condições favoráveis e dignas de vida em escala planetária. Desafio sobre-humano explícito na narrativa joanina: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” (Jo 10,10b).

Ao longo da história da igreja cristã, as imagens de Deus sofreram mudanças de acordo com cada momento e situação históricos. Sidney Rooy (1975) faz alguns paralelismos que passamos a descrever. Quando a igreja era perseguida ela desenvolveu a confiança de que Deus iria libertá-la e a imagem que emerge é de um Deus poderoso e conformista. Na igreja triunfante aparece a imagem de um Deus vencedor, que deixa as tribulações para trás e, com confiança, impõe sua vontade, próprio de um Deus conquistador. A igreja aculturada da escolástica medieval edifica um Deus ontológico, perde a dinâmica do Deus da tradição bíblica e se converte em um Deus estático. Os abusos na igreja suscitam a volta às origens e, como os protestos são insuficientes, nasce um tipo de igreja-seita, mas que, por falta de experiência, produzirá um Deus legalista. Surge um questionamento pelo sentido histórico da igreja e tudo passa a ser percebido como passageiro, a igreja contemplativa efetiva

⁵ “A figura simbólica do Pai, como sabemos, tem suas raízes no imaginário, e a fé que o exprime põe em ação todo um conjunto de representações psíquicas e culturais. Essa figura do Pai se origina e se desenvolve nas pulsões e nos conflitos de qualquer existência humana.” (MESLIN, 1992, p.265). O texto estuda o desejo de pai e a paternidade divina.

⁶ Há vários comentários sobre a oração do Pai Nosso. Para maior aprofundamento, propomos Leonardo Boff, pois articula a oração do Jesus histórico, teologia da Igreja apostólica e os dias atuais (BOFF, 2009).

a imagem de um Deus místico. Entretanto, essa imagem, quando rompida com a realidade, cria um Deus a-histórico. O desejo de construir uma igreja livre da contaminação das doutrinas falsas e com pretensão de estar em sintonia com a revelação bíblica faz surgir a igreja ortodoxa cultivando a imagem de um Deus racional. O mundo moderno põe em cheque as verdades e certezas tradicionais colocando a igreja em crise. Há quebras da compreensão naturalizante da ortodoxia e Deus volta a ser transcendente, entretanto sem muita clareza e assertividade. Emerge um Deus anônimo fruto da crítica moderna. Os embates históricos desafiam a igreja a rever e a crescer em sua compreensão de Deus, procurando corrigir os mal-entendidos do passado e a centrar-se na totalidade da realidade. Por exemplo, a experiência específica da repressão na América Latina levará a recuperar a experiência bíblica do povo hebreu no Egito, emergirá a igreja da libertação que, por sua vez, produzirá a noção de um Deus libertador. Assim, com cada realidade cultural em que a igreja cristã está presente e em profunda sintonia com a realidade, resplandece uma imagem do Deus vivo. Deus não é posse de apenas uma cultura, teologia ou tradição religiosa.

No imaginário coletivo há experiências ditas como “de Deus”, mas que na realidade expressam dinâmicas antropomórficas e buscam direcionar as atitudes humanas em ambientes sociais. Muito bem coletou essas experiências Jung Mo Sung (1991) através de famosas expressões e que revelam traços negativos da imagem de Deus. Segue breve apresentação. A primeira expressão propõe “papai do céu castiga”; Deus aparece como aquele qualificado para reprimir e castigar, sobretudo em situações em que os pais não conseguem colocar limites. É uma imagem tremendamente negativa, pois como Deus “vê todas as coisas”, sobretudo as negativas, espera o momento correto para castigar. Deturpa-se a imagem bíblica da figura do Pai. Outra imagem descrita é: “tudo que é bom é pecado”, apresentando um Deus que desqualifica e, mais, é contrário aos prazeres corporais. Vida espiritual e salvação são sinônimos de sofrimento e não de prazer. “Deus sabe o que faz”, afirmação que consola e conforta, sobretudo em momentos difíceis e inaceitáveis. Entretanto, aponta para um Deus contrário à liberdade e que controla, desde fora, a história humana. Tudo está programado

por Ele. “Deus explica os mistérios” resolve as interrogações humanas e a necessidade de compreensão, de maneira especial, sobre fenômenos físico-naturais e sobre o sentido da vida e da morte. Explicações que acabam intimidando a criatividade e a racionalidade humana diante de novos desafios. “Deus legitima a opressão social”, pois a pobreza é vista como purificadora e salvadora. Negam-se as estruturas injustas da organização social e apela-se para a legitimação da opressão social. E, ainda mais, essa legitimação se expande para questões pertinentes a sexo e a etnia, justificando a dominação machista, discriminação racista e preconceitos. São imagens de Deus passadas de geração em geração que anestesiam a mente e a emoção, tornando o ser humano refém de seu próprio imaginário.

Anselm Grün (2014)⁷ mostra três imagens que perpassam o imaginário dos cristãos e são carregadas de profundas marcas negativas e que, em sua análise psicológica, envenenam a relação com Deus, porém estão muito difundidas. A primeira é a imagem “intimidadora e controladora” de Deus. Ela reflete o sentimento de estar sempre sendo observado. É tão forte que já não está mais fora e distante, mas internalizada. Os instintos, os pensamentos e as emoções seguem o comando desse censor interno de modo que o medo de cometer erros paralisa as ações. Outra imagem descrita refere-se à visão “perfeccionista” de Deus. Ela está relacionada ao controle, pois ser perfeito significa não cometer erros. Dessa forma é lida a passagem bíblica que diz: “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). A exigência é imaginariamente muito alta e a cobrança é profundamente real. A terceira imagem é a de Deus que difunde “sentimento de culpa”. Por Deus ser perfeito e controlar tudo, qualquer falha humana é condenada, proporcionando profunda culpa. Sentimento que inibe e provoca ruminações do erro. Isso faz com que o ser humano fique dando voltas em torno do mesmo pensamento ou sentimento e se afundando neste buraco imaginário que ele mesmo criou. Estas últimas imagens procuram chamar ao debate todas as imagens negativas apresentadas anteriormente. Há imagens positivas de Deus,

⁷ O autor propõe uma terapia e proteção contra o que denominou de envenenamento de Deus. Entretanto, não cabe a esta discussão.

embora menos difundidas, como “belo” e “saboroso”, pois dizem do prazer de estar com Ele.

Depois dessa visita ao imaginário religioso que perpassa a cultura ocidental focalizaremos a encíclica *Evangelium Vitae*. Quais imagens de Deus perpassam suas entrelinhas?

As imagens de Deus na encíclica *Evangelium Vitae*

Não é objeto desta reflexão apresentar toda a encíclica *Evangelium Vitae*. Entretanto, apontaremos as suas partes. Ela está dividida em quatro capítulos e se estrutura em três momentos. O primeiro capítulo apresenta o levantamento da realidade, expondo as ameaças que impõe à vida humana. Analisa especificamente a prática do aborto e da eutanásia. Faz isso através da retomada do episódio bíblico em que Caim mata Abel (Momento do ver). O segundo capítulo trata de analisar o que foi levantado e o faz a partir da mensagem cristã sobre a vida. A fundamentação está, sobretudo, no evangelho de João no lema: “Vim para que tenham vida” (Momento do julgar). O terceiro e o quarto capítulos enfrentam o desafio do agir. O terceiro apresenta a rejeição do aborto e da eutanásia a partir da reflexão sobre a lei de Deus “Não matarás”. O quarto capítulo é mais enfático, ou seja, não basta rejeitar, mas devem-se traçar ações para que haja nova cultura da vida humana; o faz a partir do lema “a mim o fizeste” (Momento do agir).

A encíclica traz enorme riqueza bíblica, pois fundamenta sua reflexão sempre pautada em passagens do Primeiro e do Segundo Testamentos. Estas passagens são de épocas distintas, refletem momentos históricos diferentes e estão articulados e conectados com objetivos específicos. É a partir dessa realidade e não da bíblica que pensaremos as imagens de Deus. Como cada capítulo propõe a reflexão?

O primeiro capítulo, sobre “as atuais ameaças à vida humana”, retoma o livro do Gênesis. Ao descrever o episódio em que Caim mata Abel, inicia com um versículo que dá subtítulo ao capítulo: “Caim levantou a mão contra o irmão Abel e matou-o’ (Gn 4,8): na raiz da violência”. Diz que o texto bíblico não explica porque Deus preferiu o

sacrifício de Abel ao de Caim, mas a encíclica conclui dizendo que o ser humano não está “de forma alguma predestinado para o mal” (EV, 8)⁸. Nesse fratricídio e em cada homicídio, a encíclica mostra que é violado o parentesco espiritual que congrega os humanos e fragiliza a igual dignidade pessoal. Deus é apresentado como “misericordioso”, pois, mesmo quando castiga, marca Caim com um sinal de proteção (Gn 4,15). “Caim chega a confessar que a sua culpa é ‘grande demais’ por saber que se encontra diante de Deus e do seu justo juízo” (EV, 21). Misericórdia e justiça se entrelaçam na compreensão de Deus e, por isso,

quando declina o sentido de Deus, também o sentido do homem fica ameaçado [...] Uma vez excluída a referência a Deus, não surpreende que o sentido de todas as coisas resulte profundamente deformado, e a própria natureza, já não vista como *mater*, fique reduzida a ‘material’ sujeito a todas as manipulações [...] vivendo ‘como se Deus não existisse’, o homem perde o sentido não só do mistério de Deus, mas também do mistério do mundo, e do mistério do seu próprio ser (EV, 22).

Deus é aquele que provoca a viver dignamente e a conviver no cuidado com os outros e com a natureza. Nessa perspectiva, a perda do sentido de Deus leva à fragilidade e à ruptura na valorização da vida. “É no íntimo da consciência moral que se consuma o eclipse do sentido de Deus e do homem, com todas as suas múltiplas e funestas consequências sobre a vida.” (EV, 24). Nos dizeres da encíclica, sem Deus vivemos uma “tenebrosa cegueira moral” (EV, 24). A “cultura de morte” e a “conjuntura contra a vida” facilitam a difusão do aborto e da eutanásia e são percebidas como “legítimas expressões da liberdade individual” (EV, 18).

Mas todos esses condicionamentos e tentativas de impor silêncio não conseguem sufocar a voz do Senhor, que ressoa na consciência de cada homem: é sempre deste sacrário íntimo da consciência que pode recomendar um novo caminho de amor, de acolhimento e de serviço à vida humana. (EV 24).

⁸ As citações da encíclica *Evangelium Vitae* serão feitas pela sigla EV e pelo número referente, conforme documento.

Conclama a consciência humana a reagir, a não aceitar a “cultura de morte” e a promover a “cultura da vida”. Faz relação entre o sangue de Abel, “primeiro inocente morto”, e o sangue de Jesus Cristo. Este “é sangue de aspersão que redime, purifica e salva [...] O sangue de Cristo, ao mesmo tempo que revela a grandeza do amor do Pai, *manifesta também como o homem é precioso aos olhos de Deus e quão inestimável seja o valor da sua vida.*” (EV, 25).

A imagem de Deus que emerge nesse primeiro capítulo é de um Deus que, por um lado, ama profundamente o ser humano e dele cuida com amor paterno. Por outro lado, sensibiliza a consciência humana pela culpa, pois ele é bom e o ser humano não corresponde ao seu amor. Mostra Deus como misericordioso e justo, porém, como é apresentado, parece indicar que Ele fica desde fora observando tudo o que acontece. Há, portanto, dupla imagem de Deus: do Pai que ama e do Deus que quer, pela culpa, sensibilizar o ser humano para a que veja e tome consciência da realidade.

O segundo capítulo, sobre “a mensagem cristã sobre a vida”, inicia dizendo que Jesus Cristo é “o Verbo da vida” (1Jo 1,1). “O *evangelho da vida* é uma realidade concreta e pessoal, porque consiste no anúncio da *própria pessoa de Jesus.*” (EV, 29). Retoma passagens do Primeiro Testamento e afirma que “a experiência do povo da Aliança renova-se em todos os ‘pobres’ que encontram Jesus de Nazaré.” (EV, 32). E, ainda, Jesus apresenta o significado da sua própria missão àqueles que sofrem, estes são zelosamente guardados nas mãos do Pai. Nos dizeres da encíclica, “a mensagem de salvação ressoa, com toda a sua novidade, precisamente nas situações de miséria e pobreza da vida humana.” (EV, 32). E finaliza afirmando que “só quem reconhece que a própria vida está tocada pelas mazelas do pecado, pode reencontrar a verdade e a autenticidade da própria existência junto de Jesus Salvador [...]” (EV, 32).

Sinaliza que o evangelho da vida é dirigido, especialmente, aos que estão sem vida, onde esta se encontra desfigurada ou onde habita o pecado. Mostra também que a vida está para além do tempo, fundando sua dimensão escatológica: “A vida que o Filho de Deus veio dar aos homens, não se reduz meramente à existência no tempo.” (EV, 37). Vida que *já e ainda não* está presente em sua totalidade. “Assim, *chega ao seu*

auge a verdade cristã acerca da vida. A dignidade desta não está ligada apenas às suas origens, à sua proveniência de Deus, mas também ao seu fim, ao seu destino de comunhão com Deus no conhecimento e no amor d'Ele." (EV, 38). Nesta perspectiva, e a partir da encarnação de Jesus Cristo, protologia e escatologia se articulam e se entrecruzam. A vida é dada divina. "*Desta vida, portanto, Deus é o único senhor: o homem não pode dispor dela.*". Entretanto, "Deus não exerce esse poder como arbítrio ameaçador, mas, sim, como *cuidado e solicitude amorosa pelas suas criaturas.*" (EV, 39). Em Jesus Cristo, a "Lei torna-se definitivamente 'evangelho', feliz notícia do domínio de Deus sobre o mundo, que reconduz toda a existência às suas raízes e perspectivas originais." (EV, 49). A cruz e a sua morte demonstram, por um lado, total solidariedade com a condição humana e, por outro lado, "*fonte de vida, nasce e se propaga*" (EV, 51) para todos.

A imagem de Deus que se destaca neste capítulo é de um Deus que dá e quer preservar a vida humana. Tem olhar especial para os pobres, os que sofrem e que têm a vida ameaçada ou para aqueles que vivem em situação de pecado. Diferentemente do capítulo anterior, Deus não é apresentado como aquele que culpabiliza, mas como experiência amorosa. "Verdadeiramente grande é o valor da vida humana, se o Filho de Deus a assumiu e fez dela o lugar onde se realiza a salvação para a humanidade inteira." (EV, 33). A cruz de Jesus Cristo é lida como fonte de vida e, portanto, alimenta as pessoas na luta para que todos tenham vida. Emerge uma imagem positiva de um Deus humanizado que cuida e quer que a vida seja vivida por todos, especialmente os pobres, pois é onde a vida encontra-se mais ameaçada.

O terceiro capítulo se propõe a refletir sobre "a lei santa de Deus" e começa com uma passagem de um jovem que se aproxima de Jesus Cristo e pergunta o que deve fazer para alcançar a vida eterna (Mt 19,16). E a resposta é que cumpra os mandamentos: não matarás, não cometerás adultério, não roubarás (Mt 19,18). "*O mandamento de Deus nunca está separado do seu amor: é sempre um dom para o crescimento e a alegria do homem.*" (EV, 52). A encíclica explora a dimensão sagrada da vida humana, pois tem sua origem na ação divina. Portanto, tem caráter inviolável. Os preceitos "não matarás" e "amarás o próximo como

a ti mesmo” estão articulados com a passagem que diz: “Ao homem, pedirei contas da vida do homem” (Gn 9,5). Assim, condena a privação de vida de um inocente, pois não é lícito nem como fim e nem como meio para um fim bom (EV, 57). O caráter sagrado e inviolável da vida é desde o momento inicial, ainda enquanto embrião (EV, 61). Alicerçada na lei natural e na palavra de Deus escrita, discute as várias interrupções da vida e condena o aborto direto, pois “constitui sempre uma desordem moral grave, enquanto morte de um ser humano inocente” (EV, 62).

A reflexão se estende para o ser humano diante do mistério da morte. A encíclica distingue *eutanásia* de *renúncia ao excesso terapêutico*. *Eutanásia* é a “ação ou omissão que, por sua natureza e intenções, provoca a morte com o objetivo de eliminar o sofrimento”. *Excesso terapêutico* são “certas intervenções médicas inadequadas à situação real do doente, porque não proporcionadas aos resultados que se poderiam esperar ou ainda porque demasiado gravosas para ele e para a sua família.” E ainda, diz o documento, “[...] quando a morte se anuncia iminente e inevitável, pode-se em consciência renunciar a tratamentos que dariam somente um prolongamento precário e penoso da vida [...]” (EV, 65). A partir da reflexão de São Paulo (Rm 14,7-8), afirma que *morrer para o Senhor* significa viver a própria morte como ato supremo de obediência ao Pai. *Viver para o Senhor* é reconhecer que o sofrimento pode se tornar fonte de bem (EV, 67). Quem vive seu sofrimento no Cristo crucificado fica “configurado com ele e intimamente associado à sua obra redentora a favor da Igreja e da humanidade.” (EV, 67).

A encíclica compreende que a sociedade moderna e pluralista gera o *relativismo ético* e nele está a raiz das tendências atuais de relativização da vida. Os cristãos e as pessoas de boa vontade são chamados a não colaborar com ações que, mesmo admitidas pela legislação civil, são contrárias às leis de Deus (EV, 70; EV, 74). A cooperação com tais práticas e nos “atos cumpridos pessoalmente por cada um, existe uma responsabilidade moral, à qual ninguém poderá jamais subtrair-se e sobre a qual cada um será julgado pelo próprio Deus (Rm 2,6; 14,12)” (EV, 74). E, ainda, “o Criador confiou a vida do homem à sua solicitude responsável, não para que disponha arbitrariamente dela mas a guarde com sabedoria e administre com amorosa fidelidade.” (EV, 76).

Nesse capítulo brota uma imagem de um Deus forte que dá a vida e cobra para que ela seja vivida de acordo com seus princípios e normas. Se, por um lado, há contundente defesa da vida humana, por outro, essa defesa vem carregada de conotação moralista e culpabilizadora à medida que a ação divina dispõe gratuitamente a vida e ao mesmo tempo exige um determinado comportamento. Ou seja, Deus dá amor e cobra pelo amor dado.

O último capítulo dedica-se a propor uma nova cultura da vida humana. Inicia dizendo que “a Igreja recebeu o Evangelho, como anúncio e fonte de alegria e de salvação [...] Ela existe para evangelizar” (EV, 78). Esta é a sua vocação, pois recebeu generosamente no amor de Deus o Evangelho da vida. “*Jesus é o único evangelho*: Ele é tudo que temos para dizer e testemunhar.” (EV, 80). A missão da Igreja é partilhar o que recebeu de Jesus Cristo. É anunciar o núcleo do evangelho (EV, 81):

- a) anúncio de um Deus vivo e solidário, que nos chama a comunhão
Consigno e à esperança segura de vida eterna;
- b) afirmação do laço indivisível entre pessoa, vida e corporeidade;
- c) apresentação da vida humana como vida de relação, dom de Deus,
fruto e sinal do seu amor;
- d) proclamação da extraordinária relação de Jesus Cristo com todo
homem e que permite reconhecer o rosto d’Ele no rosto humano;
- e) indicação do ‘dom sincero de si’ como tarefa e lugar de plena reali-
zação da própria liberdade.

Aponta para as consequências deste anúncio que implica cuidado com a vida humana, pois é sagrada e inviolável. Celebração e cultivo do olhar contemplativo dirigido ao Deus que dá a vida (EV, 84). E a descrição da passagem de Tiago (2,14), “de que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé se não tiver obras?”, estimula a prática da caridade a favor da vida em todas as dimensões. Destaca valor especial à família no processo de anunciar o evangelho da vida, sobretudo através da educação dos filhos (EV, 92). Propõe uma “virada cultural”, exigindo de todos o compromisso em assumir novo estilo de vida em que haja primado do ser sobre o ter e da pessoa sobre as coisas (EV, 98). Fala às mulheres, que recorreram ao aborto, que a Igreja compreende os condicionamentos que influenciaram na decisão e afirma que “o Pai de toda a misericórdia

espera-vos para vos oferecer o seu perdão e a sua paz no sacramento da Reconciliação.” (EV, 99). Por fim, mostra que a oração e o jejum são armas importantes contra a força do mal (EV, 100).

A imagem de Deus é daquele que está solidário com o ser humano para que a vida seja protegida. Jesus Cristo é a expressão humana do Deus que cuida da vida e a protege e deixa esta missão para a Igreja. Por um lado, mostra um Deus próximo e solidário. Por outro lado, apresenta um Deus que sabe, que controla e que espera o pedido de perdão do humano que praticou o que considera mau.

A encíclica explora e articula, ao longo de seus capítulos, várias imagens de Deus descritas no primeiro tópico. Explora facetas do mistério divino ao apresentar, analisar e propor ações à realidade, sobretudo a que denomina de “cultura de morte”. As citações bíblicas utilizadas fundamentam a atenção e o cuidado de Deus com a vida humana. Atenção e cuidado que ora reforçam um Deus observador, controlador, que culpabiliza o ser humano e cobra dele, caso não aja segundo suas orientações. Apresenta um Deus próximo, solidário e Pai que ama profundamente o ser humano, sendo capaz de enviar seu Filho para salvar e estimular a “cultura da vida” no mundo.

Como essas imagens de Deus podem favorecer o diálogo entre tradições religiosas e como esse diálogo pode estimular o cuidado com a vida humana?

Religiões e o cuidado com a vida humana

O tema da vida perpassa a história das religiões. Quer na compreensão da sua origem quer no entendimento de sua finalidade, há especial atenção por essa temática. Aqui há duas maneiras de abordagens: uma meta-histórica e outra histórica. A primeira diz respeito às explicações transcendentais que toda religião aborda. Nesta dimensão as reflexões se articulam com a compreensão de Deus ou do Sagrado, é a discussão teológica propriamente dita. Na abordagem histórica as religiões se articulam com o social, com o cultural, com o psicológico, com o político. A reflexão sobre a vida ganha materialidade e é aqui que as religiões podem

atuar conjuntamente em prol do cuidado e da defesa da vida – seja humana, seja planetária. Nesta dimensão o diálogo inter-religioso se apresenta como uma oportunidade de crescimento para todas as religiões, tanto no sentido meta-histórico, pois ampliarão sua compreensão do Sagrado, quanto no sentido histórico, pois desenvolverão a responsabilidade social, ambiental e, especificamente, humanitária.

Há várias maneiras das religiões se encontrarem, possibilitando novas descobertas de si mesmas e atuando em prol da sociedade e do planeta. Dois documentos da igreja católica buscaram elucidar estas formas de diálogo. O documento *Diálogo e Missão* (1984) e o documento *Diálogo e Anúncio* (1991). Retomamos brevemente essas formas⁹. A primeira forma prática de acontecer o diálogo inter-religioso é pela partilha existencial. No dia a dia há trocas de experiências, conversas e, mesmo no silêncio da convivência, testemunha-se uma forma de compreensão de Deus, do cosmos e do ser humano vinda da formação religiosa. A vinculação a determinada religião propicia maneiras próprias de ver e de responder aos desafios vindos da sociedade. Na relação interpessoal dá-se testemunho dessa maneira de estar na vida. Outra maneira de praticar o diálogo é pela oração. Poder-se-ia dizer que responde a forma mais afetiva de compartilhar uma experiência profunda de encontro com o Sagrado. Partilhar a experiência mística significa pôr em comum esta intimidade. Entretanto, "eles vivenciam o mesmo Deus. Mas não têm a mesma experiência" (AMALADOSS, 1996, p. 88). O Mistério transcende a experiência e cada um o vivencia de modo particular. Colocar em comum as riquezas teológicas construídas ao longo do tempo caracteriza outra maneira de dialogar. Trata-se de uma forma delicada, pois ela diz respeito à captação e à elaboração de como cada tradição foi compreendendo a revelação ou manifestação de Deus. É diálogo de especialistas. Por fim, a forma ética de dialogar aponta para a promoção do ser humano e para o cuidado ecológico. Lugar onde as tradições e as espiritualidades podem estimular a justiça e a paz social. A encíclica *Evangelium Vitae* favorece explicitamente

⁹ A discussão mais pormenorizada destas formas de diálogo inter-religioso e uma sugestão de organização deste encontro está disponível na Revista Horizonte (PANASIEWICZ, 2003).

esta forma de diálogo inter-religioso. Como esse documento estimula a prática do diálogo?

O conhecimento e o fortalecimento da própria identidade se dão de forma dialógica na relação com o outro. Ele desafia e estimula novas descobertas de si mesmo que só emergem pelo desconcerto que o outro provoca. Nas palavras de Buber (1977, p. 32), "o homem se torna Eu na relação com um Tu". Desafio profundamente edificador e transformador não somente para a pessoa, mas também para comunidades. A provocação saudável a posicionamentos de uma identidade religiosa não deve ser percebida como menosprezo ou negligência, mas como oportunidade de reinterpretar e reconstruir significativamente a identidade e a pertença social de um grupo religioso. Este é um dos desafios do diálogo inter-religioso: possibilitar que as tradições religiosas e as espiritualidades continuem fiéis a suas origens e, ao mesmo tempo, sejam significativas e respondam aos desafios do tempo presente. "O diálogo inter-religioso traduz a riqueza de um novo aprendizado: a relação com a diferença e a alteridade significa a 'apropriação de outras possibilidades' e a 'abertura à mútua transformação'" (TEIXEIRA, 2008, p. 127).

A encíclica convida a todos a enfrentar este desafio e a entrar no diálogo inter-religioso. O serviço à vida é tarefa de todos, "apresenta-se como espaço providencial para o diálogo e colaboração com os sequazes de outras religiões e com todos os homens de boa vontade: *a defesa e a promoção da vida não são monopólio de ninguém, mas tarefa e responsabilidade de todos.*" (EV, 91).

Ao denunciar as contradições sociais, a falta de dignidade e, sobretudo, os atentados à vida humana, o que denominou de estímulo à "cultura de morte", anima as tradições e as espiritualidades a dialogarem em favor de uma causa. Para a encíclica, há eclipse do sentido de Deus e do humano, resultado de uma cultura dominada pelo secularismo (EV, 21). Convida os cristãos a celebrar o *Evangelho da Vida* como forma de inserir Deus na vida dos cristãos e na liberdade que cabe a cada religião, incentiva o diálogo colaborativo em prol da defesa da vida humana. Diálogo extensivo a todos "os homens de boa vontade" (EV, 91).

As imagens de um Deus amoroso, Pai e que está próximo do ser humano facilitam e estimulam práticas inter-religiosas em comum a favor

da vida humana. Esta defesa pode ser, com o tempo, extensiva ao cuidado com a vida planetária, também ameaçada pela exploração do meio ambiente. As imagens de um Deus observador, controlador e que age culpando o ser humano por agir desta ou daquela maneira não favorecem o encontro inter-religioso e nem suscitam interesses aos “homens de boa vontade” a se engajarem conjuntamente na defesa da vida. A vida humana deve ser entendida em sua totalidade ou de forma integral. Portanto, a dimensão psicológica é fundamental para a saúde humana. Um Deus que, para fazer valer a sua vontade, inibe a liberdade, impõe normas moralistas e, sobretudo, culpabiliza o ser humano não pode ser cultuado como Deus da vida. Deus, enquanto doador de vida, torna o ser humano cocriador e com ele divide a responsabilidade de cuidar de sua criação.

A encíclica demarca a identidade cristã ao partir de uma visão *cris-tocêntrica* para testemunhar seu interesse e cuidado com a vida. Essa clareza é fundamental para qualquer prática dialógica. Sinaliza o que compreende como tratar-se dos desafios apresentados à fé cristã e convida as tradições religiosas e espiritualidades a participarem, cada uma a sua maneira, da empreitada pela “cultura da vida”. Educadores, intelectuais e religiosos, crentes e não crentes: “todos têm papel importante a desempenhar” (EV, 99). O documento convoca a todos a se engajar ética e politicamente neste cuidado, pois “não pode haver *verdadeira democracia*, se não é reconhecida a dignidade de cada pessoa e não se respeitam os seus direitos”. E segue afirmando que “nem pode haver *verdadeira paz*, se não *se defende e promove a vida*” (EV, 101). Neste contexto, o diálogo inter-religioso significa abertura, acolhida e cuidado com a vida humana.

Conclusão

A encíclica *Evangelium Vitaeternum* traz uma proposta muito clara sobre o caráter inviolável da vida humana. Há dimensão profética ao denunciar as injustiças e a “cultura de morte” e ao anunciar práticas comprometidas com a “cultura de vida”. Recolhe imagens de Deus que estiveram presentes ao longo do texto bíblico e da história da igreja cristã. Reflete imagens negativas de um Deus controlador e imagens positivas

de um Deus amoroso. Percebe que a defesa da vida extrapola os muros do catolicismo e convida todos, crentes e não crentes, profissionais de variadas áreas do conhecimento, para participarem deste momento.

Comemorar os vinte anos da encíclica *Evangelium Vitae* significa, na perspectiva inter-religiosa, defender o Deus amoroso, cuidador e que quer que a vida integral seja cultivada e preservada por todos. Desafio que continua a bater na porta da casa de toda pessoa e de toda tradição religiosa e espiritual, pois as mazelas e o desrespeito ante a vida humana continuam, bem como o cuidado para que todos tenham condições de nascer, viver e morrer de forma digna. Os pobres se encontram em situação mais desfavorável, pois a ameaça da vida torna-se mais perceptível. O grito ético dos pobres ecoa por todo o planeta e se sintoniza com a crise planetária. A missão das religiões, em especial, dos líderes religiosos é enorme, pois ao captar estes ecos naturalmente eclode um senso de organização e demobilização em prol da vida. A encíclica *Evangelium Vitae* participa deste processo, pois resulta da escuta destes ecos planetários a favor da vida humana.

Referências

- AMALADOSS, M. *Pela estrada da vida*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BOFF, L. *O pai nosso: a oração da libertação integral*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.
- CARAVIAS, J. L. *O Deus de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BERGER, P. Religião e construção do mundo. In: BERGER, Peter. *Dossel sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BINGEMER, M. C. (Org.). *Violência e religião: três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Loyola/PUC Rio, 2001.
- ESTRADA, J. A. *Imagens de Deus: a filosofia ante a linguagem religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2007.

EV. Carta encíclica *Evangelium Vitae* do Sumo Pontífice João Paulo II. 25 mar. 1995. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae_po.html>. Acesso em: 10 ago. 2014.

GRÜN, A. *Reconciliar-se com Deus: curando as feridas da alma*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HUMANITAS. *La encíclica de Evangelium Vitae de Juan Pablo II: a 15 anos de su publicación*. n. 24. 2011. Disponível em: <<http://www.humanitas.cl/html/destacados/cuaderno24.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

LIBANIO, J. B. *Linguagens sobre Jesus: de Cristo carpinteiro a Cristo cósmico*. São Paulo: Paulus, 2013.

KONINGS, J. A imagem de Deus na Bíblia. In: BOGAZ, A. S.; COUTO, M. A. *Deus, onde estás?: a busca de Deus numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, p. 21-48, 2001.

MAGIS. A carta encíclica *Evangelium Vitae* refletindo sobre o valor incomparável da vida humana. In: *Cadernos de fé e cultura*. PUC Rio, Rio de Janeiro, n. 10, 1996. Disponível em: <<http://www.cfc.puc-rio.br/pdf/fc10.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

MESLIN, M. Desejo do pai e paternidade divina. In: MESLIN, M. *A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, p.249-267, 1992.

PANASIEWICZ, R. Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião. In: *Pistis e Praxis*. Curitiba, n.2, v.5, p. 587-611, jul./dez. 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/Roberlei/Downloads/pistis-12365%20\(10\).pdf](file:///C:/Users/Roberlei/Downloads/pistis-12365%20(10).pdf)>. Acesso em: 10 set. 2014.

PANASIEWICZ, R. Os níveis os as formas de diálogo inter-religioso: uma leitura a partir da teologia cristã. In: *Horizonte*. Belo Horizonte, n.3, v.2, p. 39-54, 2003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/597/624>>. Acesso em: 15 set. 2014.

ROOY, S. H. Imagens de Deus na história da igreja e sua relevância atual. In: *Estudos Teológicos*. Porto Alegre, n.2, v.15, 1975. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1420/1370>. Acesso em: 28 set. 2014.

SOBRINO, J. O aparecimento do Deus da vida em Jesus de Nazaré. In: RICHARD, P. (et al). *A luta dos deuses: os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador*. São Paulo: Paulinas, 1985.

SUNG, J. M. *Experiência de Deus: ilusão ou realidade?* São Paulo: FTD, p. 20-34, 1991

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso. In: TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio M. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. São Paulo: Santuário, p. 119-221, 2008.

Recebido: 08/06/2015

Received: 06/08/2015

Aprovado: 04/08/2015

Approved: 08/04/2015